

CAPORALINI, José Beluci. *Reflexões sobre O Essencial de Santo Agostinho*. Maringá: Clichetec Gráfica Editora, 2007, 132 p.

Celestino Medica*

O livro apresenta um trabalho de coordenação, de seleção e de reflexão que José Beluci Caporalini desenvolve sobre textos do pensador italiano Michele Federico Sciacca, referentes a tópicos essenciais do pensamento de Santo Agostinho. A obra tem sua motivação específica dentro das celebrações do Jubileu agostiniano – 1650 anos do nascimento do Santo (354-2004).

O autor, após a exposição das características gerais do pensamento, das etapas do itinerário intelectual e da concepção metafísica do filósofo italiano, nos oferece uma síntese das principais temáticas agostinianas a partir de três textos de Michele Federico Sciacca: *O essencial de Santo Agostinho*, *O homem e Deus em Santo Agostinho* e *A atualidade do Enchiridion agostiniano*.

As reflexões sobre o primeiro texto, que inspiram também o título do livro, põem em evidência as características básicas da especulação do bispo de Hipona.

O homem se conhece na sua profundidade metafísica à medida que se descobre no diálogo íntimo com Deus: “Quero conhecer Deus e a alma, nada mais”. Concentrando toda a especulação no homem e em Deus, Agostinho se torna atual para quem pretende que o problema do mundo e de Deus seja posto, pois ele concilia a objetividade do real, presente no pensamento grego e escolástico com a subjetividade, fortemente marcada no pensamento moderno.

O mundo externo faz-se problema e adquire seu valor através do homem. Segundo a fórmula agostiniana: do exterior para o interior e do interior para o superior, o homem transforma as coisas

* Mestre em Filosofia (UnB). Professor substituto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia e professor de Filosofia da Fundação Católica de Uberlândia. E-mail: celestinomedita@hotmail.com

em verdade e, assim, desvela o sentido de cada coisa, a manifestação de um valor que está além da aparência (p. 39).

Tal manifestação corresponde ao que o pensamento moderno caracteriza como experiência. A experiência não é o mundo externo, ela existe onde há consciência, e o homem, como sujeito da experiência, desvela a verdade das coisas. Entretanto, o homem se torna também intermediário entre o mundo e Deus. No espiritualismo agostiniano, o homem tem um fim sobrenatural, um destino que transcende a ordem da natureza e o religa a Deus (p. 42).

Nessa perspectiva, Agostinho pode ser considerado um pensador sistemático. A sua sistematicidade não se refere a uma arquitetura formal e ordenada de pensamento, mas a uma unidade interna e profunda que se sustenta na interioridade e na verdade.

Interioridade não é mera introspecção psicológica, e sim metafísica, ou seja, uma atividade espiritual que se colhe dentro da verdade objetiva (p. 45). O inatismo platônico da Idéia é visto por Agostinho como presença da verdade e não como um dado. O espírito é estimulado a buscar o que ele possui, mas não possui totalmente. O coração está sempre inquieto enquanto não repousar em Deus, verdade absoluta e eterna que transcende o espírito humano.

O sintetismo agostiniano supera a questão da primazia do intelecto ou da vontade na investigação filosófica. Para Agostinho, todo o ato do espírito é sintético, pois o homem pensa e age com todas as suas faculdades.

Não há um puro ato intelectual que não seja também ato voluntário e sensível; como não existe ato voluntário que não seja também intelectual. Em outras palavras, o homem está inteiro em todo o ato seu (p. 49).

Com base no sintetismo, o problema da verdade não se reduz a um ponto de vista abstrato e exterior ao homem. A verdade "é a vida na qual o espírito vive e sem a qual não poderia viver" (p. 50); não existe o ponto de vista sobre a verdade, mas existe a verdade como ponto de vista objetivo, do qual o homem deve situar-se e abrir-se. Nessa visão, não há o perigo do ontologismo; deve-se

excluir a intuição direta da verdade em si e afirmar a luz da verdade que Deus participa ao intelecto humano. Pelos conceitos de participação e de analogia, a criatura está unida ao criador, apesar da distância infinita entre o homem e Deus.

O homem não cria a verdade; a descobre pelo ato de autoconsciência (p. 52). No ato de duvidar, o ser está implícito: *Se fallor, sum*. Basta ter certeza de existir para pressupor que exista a verdade em si. A autoconsciência não se limita apenas a um ato psicológico: a consciência que a alma tem de si mesma torna possível a descoberta da presença objetiva da luz da verdade.

Com o conceito cristão da encarnação, Agostinho corrige o dualismo platônico e afirma a unidade corpo-alma. O corpo, por ser criado por Deus, é o instrumento através do qual a alma sente. A vida da alma relacionada intimamente ao corpo - "integralismo humano" (p. 56) - afirma e recupera os plenos valores da sensibilidade, da vontade, do intelecto, da moralidade, da espiritualidade e da liberdade.

A liberdade de escolha entre o bem e o mal, mesmo sendo admitida, não é a liberdade que o homem deve procurar. A "liberdade maior" não pode escolher o mal que leva à escravidão. A verdadeira liberdade deve tender somente para o bem; a perfeição, porém, se alcança com o auxílio da graça divina que, ao invés de negar a liberdade, a fundamenta e a leva à plenitude. Há, pois, plena correspondência entre liberdade e verdade: "a luz da verdade interior, em cujo horizonte o homem é capaz da verdade, realiza a plenitude de si mesma ao libertar-se dos erros" (p. 59).

O último tópico do primeiro texto se refere ao problema social e à propriedade. O homem, como ser social, consegue atingir o equilíbrio entre a paz espiritual e a paz temporal quando essa é condição daquela. Entre a satisfação das necessidades materiais, há a de dar aos pobres os bens que nos sobram; o conceito cristão do supérfluo deve ser visto não em relação aos que possuem os bens, mas aos necessitados: "aquilo que é supérfluo para você, é necessário para o outro" (p. 61).

O segundo texto, *O homem e Deus em Santo Agostinho*, conferência que Sciacca pronunciou no Congresso Internacional

de Filosofia em São Paulo, de 09 a 15 de agosto de 1954, evidencia a dimensão da antropologia agostiniana em relação ao problema de Deus. Na condição de *viator*, o homem procura na sua intimidade o Bem verdadeiro “quando sabe que é espírito criado por Deus” e se conhece a si próprio: “Ubi Deus, ibi homo” (p. 67).

O homem é substância composta de alma e corpo, elementos que estruturam a pessoa humana, sem que eles sejam a mesma coisa. Com esse conceito metafísico, Agostinho se distancia daqueles que concebiam a alma como algo corpóreo e dos outros (os platônicos) que consideravam o corpo a fonte de todos os males. Mente e vontade são atividades supremas da alma. A mente, tendo por objeto a verdade, se distingue em *intellectus* e *ratio*; a vontade persegue o fim último e realiza as aspirações do homem (p. 71).

O ser humano, que contém valores absolutos e os expressa no pensamento e na ação, quando iluminado pela luz da verdade, “há nele uma imagem de Deus, que é a Verdade e o Bem” (p. 72). O conhecimento segundo a Verdade e o amor segundo o Bem constituem a vocação fundamental do homem.

O terceiro texto, *A atualidade do Enchiridion Agostiniano*, artigo de Sciacca publicado na revista *Augustinus* (Madrid, XVI, p. 61-64, 1971), mostra o amor que Agostinho cultivava pelas verdades reveladas e o seu empenho em defendê-las no combate às heresias (p. 75). Evidencia-se a parte central da obra agostiniana, que trata da explicação dos artigos do Credo e, portanto, dos seguintes aspectos: a piedade, a fé, a fé e a ciência, o mal e a liberdade, o mediador, a esmola, a falsa consciência ou o costume do pecado, a ressurreição da carne, a “boa esperança dos fiéis” e a “santa caridade”.

Na conclusão sobre os três textos (p. 91), Caporalini ressalta em Sciacca a essência da antropologia agostiniana, considerada na ótica do homem interior: na possibilidade do homem “entrar em si mesmo e aí buscar precisamente a Deus” (p. 93).

A última parte do livro consta de várias informações que ajudam o leitor a conhecer o pensamento de Agostinho: uma resenha sinóptica, tomada da *História da Filosofia* de Sciacca (p. 95); uma cronologia sobre a vida e as obras de Agostinho (p. 97);

uma ampla bibliografia, dividida em cinco partes (p. 101); publicações específicas feitas em datas comemorativas mais recentes da figura e do pensamento de Agostinho (p. 119); revistas agostinianas (p. 125). O livro termina com “citações e frases agostinianas célebres” (p. 127).

O trabalho do Prof. José Beluci Caporalini é um válido subsídio para os leitores que queiram aprofundar-se no estudo e na pesquisa sobre Santo Agostinho. O autor conduz com clareza e com olhar crítico as temáticas, evidenciando o “essencial”, ou seja, os problemas capitais de filosofia desenvolvidos pelo bispo de Hipona e ilustrados com maestria por Michele Federico Sciacca. Segundo as palavras do mesmo autor no prefácio da obra, “este não é um livro para eruditos, mas para aqueles que desejem, em um primeiro momento, começar o conhecimento de Agostinho entrando em contato com a temática geral que ele aborda” (p. 18).

Data de Registro 08/11/07

Data de Aceite 12/12/07

